

Exmos. Senhores,

Dr. José Ribeiro e Castro,

Presidente da Comissão de Educação, Ciência e Cultura

Dra. Margarida Almeida,

Coordenadora do Grupo de Trabalho da Educação Especial

A FAPAG – Federação das Associações de Pais do Concelho Gondomar promoveu a visita de Carlos Monteiro, membro do Conselho Executivo desta federação, no intuito de colaborar com a comissão.

Segue os dados por eles apresentados e que pedimos a vossa atenção.

Gratos

CE FAPAG

Bom Dia

Deste texto foi retirado o meu “breve resumo” que apresentei na Audiência Parlamentar sobre o Ensino Especial à Comissão de Educação, Ciência e Cultura.

Desejaria que esta intervenção servisse de nota de reflexão para os trabalhos desta comissão afim de pais e crianças terem uma maior inclusão. Peço-vos especial atenção aos 4º e 5º pontos:

O Decreto-Lei nº 3/2008 constitui-se como um documento importante para a Educação Especial, uma vez que veio permitir a abordagem das problemáticas relacionadas com as Necessidades Educativas Especiais (NEE) baseada num contexto biopsicossocial. No entanto, há alguns aspetos a ter em conta na sua aplicabilidade, dos quais salientava:

1. - Necessidade de criar condições que levem ao incremento do trabalho cooperativo entre os profissionais da escola e os externos à escola no processo de avaliação e acompanhamento dos alunos com NEE;

2. - Necessidade de uma maior colaboração dos médicos/outras profissionais de saúde na elaboração de documentos para a instrução dos processos dos alunos com NEE, nomeadamente através do recurso à utilização da Classificação Internacional de Funcionalidade para Crianças e Jovens (CIF – CJ);
3. - As escolas, de um modo geral, não têm a possibilidade de mobilizar equipas pluridisciplinares (médicos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, terapeutas da fala,...) que permitam um melhor acompanhamento de alguns dos alunos com NEE;
4. - *Falta de respostas em número suficiente para os alunos com NEE que concluem o seu percurso escolar, nomeadamente daqueles que necessitam de ser encaminhados para Centros de Atividades Ocupacionais (CAO`s) / Situações de Emprego Protegido;*
5. - *Necessidade de um maior envolvimento da parte de algumas instituições/empresas no sentido do estabelecimento de protocolos/parcerias com as escolas tendo em vista a transição para a vida ativa de alguns dos alunos com NEE no âmbito dos respetivos Planos Individuais de Transição (PIT`s)*

A minha realidade...

O meu nome é Carlos Monteiro e sou pai de três meninas diferentes ou excecionais, a Ana de 17 anos, a Mafalda de 15 e da Marte de 11. Por isso eu também sou diferente nas minhas rotinas e atitudes comparativamente com outros pais.

As minhas filhas têm P.H.D.A Perturbação de Hipertactividade com Défice de Atenção e Concentração e com QI abaixo da média devido a um atraso mental.

Mas, como pais atentos, apercebemo-nos que o desenvolvimento delas não seria igual ao da maioria das crianças da sua idade e então pedimos ajuda. Logo nos primeiros meses de vida tivemos os primeiros sinais de alerta, não se mantinham sentadas e não seguravam a cabeça. Depois de muitos exames médicos, consultas de neuropediatria, consulta de pediatria do desenvolvimento, visitas ao Instituto de Genética Médica e psicólogos, nunca lhes foi diagnosticada nenhuma doença ou síndrome. Mas, a irritabilidade a cada dia que passava era maior e o choro tornou-se constante de dia e de noite. Elas começaram por fazer fisioterapia, terapia ocupacional e terapia da fala com menos de um ano de idade e desde então nunca mais pararam. Hoje em dia fazem unicamente consulta periódica de neuropediatria e apoio psicológico (infelizmente o subsídio de educação especial que recebo somente cobre duas consultas por mês).

São reconhecidas como meninas simpáticas, muito comunicativas e sociáveis, mas apesar disso revelam um défice cognitivo significativo e a par disso, apresentam dificuldades ao nível da motricidade, da concentração e atenção. A área comportamental é influenciada de forma negativa por este défice.

Graças ao empenho e dedicação dos médicos, dos nossos amigos, terapeutas e sobretudo das educadoras e dos professores que lhes permitem, que o seu desenvolvimento seja na base dos reforços positivos, o respeito pelo timing delas, as respostas estimulantes, toda a forte rede de apoio e sentido de colaboração da comunidade, fazem com que elas sejam respeitadas e queridas pelos que as rodeiam.

São meninas com mais regras do que qualquer uma da idade delas e com rotinas fixas e constantes porque se assim não fosse seriam crianças insuportáveis e mal educadas.

São administradas com Ritalina e assim com esta medicação vão progredindo na direcção certa, pois acalma-as um pouco, depois de passar o efeito da medicação começa tudo de novo. Toda a agitação volta! Na escola, progridem lentamente, com bastante dificuldade de aprendizagem, cansam-se muito e rapidamente entram em stress, ao ponto de terem curriculum alternativo.

Os médicos dizem que são afectas a um contexto de doença genética crónica e incurável, cujo a etiologia é desconhecida até à data.

De acordo com as estatísticas a maioria das crianças hiperactivas é primogénito do sexo masculino e que são raros os casos de duas crianças hiperactivas na mesma família. Nós somos a excepção que confirma a regra. Temos 3.

As nossas expectativas em relação às nossas filhas não são muito grandes, porque temos consciência das capacidades de cada uma delas, no entanto colocamos a nossa fasquia na sua autonomia e gestão pessoal (social e financeira). Tal como a maioria dos pais, o nosso desejo é que sejam felizes.... Com muito ou pouco dinheiro, com elevado ou básico nível académico o que importa é que os desejos e objectivos por elas impostos não sejam gorados.

Com essa máxima temos pautado a educação delas e devido a isso é unanimemente reconhecido que apesar das suas limitações são crianças que transmitem uma contagiante felicidade e alegria e alguns progressos.

Devido à idade da minha filha mais velha apercebi-me que chegamos a um beco sem saída, pois não existe rede de apoio a estas crianças após a saída da escola. Não lhe é reconhecida valências para um curso técnico profissional, mas também não tem competências suficientes para ter um emprego. A solução seria um CAO - Centro de Atividade Ocupacional que de todos por nós visitados não possuem vagas. Aliás, no

concelho onde resido, neste ano de 2012 somente abriu uma vaga e um dos principais critérios de selecção referido foi se tinha uma “boa capacidade financeira”...

Para esta crianças a única solução é serem “retidas” nas suas casas acarretando *a perda de todo o trabalho conquistado e uma frustração constante.*